

O Duplo, o Espelho, a Sombra:

Figurações de personagens nas literaturas de Língua Inglesa

Claudio Vescia Zanini
Sandra Sirangelo Maggio
(Orgs.)



Claudio Vescia Zanini
Sanda Sirangelo Maggio
(Orgs.)

***O Duplo, o Espelho, a
Sombra***

**Figurações de personagens
nas literaturas de Língua Inglesa**



Dialogarts

2018



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Reitor

Ruy Garcia Marques

Vice-Reitora

Maria Georgina Muniz Washington

DIALOGARTS

Coordenadores

Darcilia Simões

Flavio García

Conselho Editorial

Estudos de Língua

Darcilia Simões (UERJ, Brasil)

Kanavillil Rajagopalan (UNICAMP, Brasil)

Maria do Socorro Aragão (UFPB/UFCE, Brasil)

Estudos de Literatura

Flavio García (UERJ, Brasil)

Karin Volobuef (Unesp, Brasil)

Marisa Martins Gama-Khalil (UFU, Brasil)

Conselho Consultivo

Estudos de Língua

Alexandre do A. Ribeiro (UERJ, Brasil)

Claudio Artur O. Rei (UNESA, Brasil)

Lucia Santaella (PUC-SP, Brasil)

Luís Gonçalves (PU, Estados Unidos)

Maria João Marçalo (UÉvora, Portugal)

Maria Suzett B. Santade (FIMI/FMPFM, Brasil)

Massimo Leone (UNITO, Itália)

Paulo Osório (UBI, Portugal)

Roberval Teixeira e Silva (UMAC, China)

Sílvio Ribeiro da Silva (UFG, Brasil)

Tania Maria Nunes de Lima Câmara (UERJ, Brasil)

Tania Shepherd (UERJ, Brasil)

Estudos de Literatura

Ana Cristina dos Santos (UERJ, Brasil)

Ana Mafalda Leite (ULisboa, Portugal)

Dale Knickerbocker (ECU, Estados Unidos)

David Roas (UAB, Espanha)

Jane Fraga Tutikian (UFRGS, Brasil)

Júlio França (UERJ, Brasil)

Magali Moura (UERJ, Brasil)

Maria Cristina Batalha (UERJ, Brasil)

Maria João Simões (UC, Portugal)

Pampa Olga Arán (UNC, Argentina)

Rosalba Campra (Roma 1, Itália)

Susana Reisz (PUC, Peru)



DIALOGARTS

Rua São Francisco Xavier, 524, sala 11017 - Bloco A (anexo)
Maracanã - Rio de Janeiro - CEP 20.569-900
<http://www.dialogarts.uerj.br/>

Copyright© 2018 Claudio Vescia Zanini; Sanda Sirangelo Maggio
(Orgs.)

Capa

Raphael Ribeiro Fernandes

Imagem de Capa

Leonardo Pogia Vidal

Diagramação

Equipe Labsem

Revisão

NuTraT – Núcleo de Tratamento Técnico de Texto

Supervisão de Nathan Sousa de Sena

Elen Pereira de Lima

Ingrid Andrade Albuquerque

Karine da Silva Costa André

Thaiane Baptista Nascimento

Produção

UDT LABSEM – Unidade de Desenvolvimento Tecnológico

Laboratório Multidisciplinar de Semiótica



FICHA CATALOGRÁFICA

M193 Z31	MAGGIO, Sandra Sirangelo; ZANINI, Claudio Vescia (Orgs.). <i>O Duplo, o Espelho, a Sombra: figurações de personagens nas literaturas de língua inglesa</i> Rio de Janeiro: Dialogarts, 2018. Bibliografia ISBN 978-85-8199-100-9 1. Insólito Ficcional. 2. Duplo. 3. Personagens. 4. Literaturas de Língua Inglesa. I. Sandra Sirangelo Maggio; Claudio Vescia Zanini. II. UERJ. III. SePEL. IV. Título.
-------------	--

Índice para Catálogo Sistemático

800 – Literatura.

801 – Teoria Literária. Análise Literária.

801.95 – Crítica Literária. Crítica dos Gêneros Literários.

840 – Literaturas de Língua Inglesa

A BUSCA POR IDENTIDADE EM “MIRIAM”, DE TRUMAN CAPOTE

André Bednarski (UFRGS)

Rosalia Angelita Neumann Garcia (UFRGS)

Truman Capote nasceu em 30 de setembro de 1924 em Nova Orleans, no Sul dos Estados Unidos. Seus anos de infância foram afetados por uma vida familiar conturbada. Ainda muito pequeno, foi entregue aos cuidados da família de sua mãe em Monroeville, no Alabama. Lá ele desenvolveu uma forte ligação com sua prima, muito mais velha, Nannie Rumbley “Sook” Faulk. Ela seria, posteriormente, retratada por Capote no conto “A Christmas Memory”. Durante um bom tempo, o pequeno Truman era levado de uma casa a outra, sem que seus pais lhe dessem muita atenção. Para alguém tão jovem e solitário, os livros acabaram sendo uma presença constante e se tornaram seus melhores amigos. Aos cinco anos ele era sempre visto carregando um dicionário e um caderno, e aos onze escreveu sua primeira ficção. Truman procurava uma identidade, uma referência em que pudesse se apoiar, no entanto era difícil obter essa referência com seus próprios pais. O pai, Archulus Persons – chamado simplesmente de Arch – acabou sendo preso por fraude; sua mãe, Lillie Mae Faulk, se separou e mudou de cidade. Finalmente, Truman acabou se mudando para Nova Iorque para morar com a mãe. Lillie Mae, ao chegar à cidade grande, adotou um novo nome: Nina. Ela conheceu Joe Capote, um bem-sucedido homem de negócios da América do Sul, e eles se casaram. Ela também adotou um novo sotaque, para esconder suas raízes do interior e assumir uma “nova identidade”.

Anos mais tarde, Truman Capote escreveria o livro *Bonequinha de Luxo*, onde a personagem principal também havia saído do interior

e buscado uma vida melhor na cidade grande. De forma análoga a sua mãe, a personagem trocou seu nome de *Lulamae Barnes* – similar ao nome de sua mãe, Lillie Mae – para Holly Golightly. O próprio Truman, por fim, abandonou o sobrenome original para adotar o do seu padrasto. E assim até hoje ele é conhecido como Truman Capote.

Aparentemente, tanto sua mãe quanto ele procuraram uma nova identidade, uma referência com a qual pudessem finalmente se sentir confortáveis e, em parte, renegar o passado, ou suas origens não muito felizes.

O jovem Capote conseguiu um emprego como *copyboy* na importante revista *New Yorker* no início dos anos 40. A publicação de suas primeiras histórias nas revistas femininas da época estabeleceu sua reputação literária desde cedo, e aos vinte e poucos anos ele já era muito conhecido.

Entre essas histórias está o conto “Miriam”, publicado originalmente em junho de 1945 na revista *Mademoiselle*. Trata-se de uma história curta, mas de onde muito pode ser extraído, dados sua narrativa e enfoque psicológico. Assim, o objetivo do presente capítulo é destacar que, a exemplo do próprio Capote e de sua mãe, a busca, ou perda, da identidade está no cerne dessa obra.

Considerado como um autor gótico em seu início de carreira (BLOOM, 2009, p.23-24), Capote nos traz em “Miriam” uma história que chama a atenção com elementos de suspense psicológico e que, uma vez lida, permanece em nossa memória.

Miriam é uma menina com cabelo branco ou prateado, de comportamento adulto, que se encontra com uma viúva de meia-idade chamada Sra. Miller. Coincidentemente, Miriam é também o primeiro nome da viúva. A duplicidade do nome, “apenas Miriam” como a menina se apresenta, nos encaminha para as representações do duplo na literatura. Primeiramente estudado por Freud em “Das Unheimliche”, em 1919, o duplo é apresentado como “personagens

que podem ser consideradas idênticas porque parecem semelhantes, iguais” (1986 [1919], p.338-339). Freud aponta ainda que:

Essa relação é acentuada por processos mentais que saltam de um para outro desses personagens pelo que chamaríamos telepatia, de modo que um possui conhecimento, sentimentos e experiência em comum com o outro. (1919, p.340-341)¹

No início da história a Sra. Miller parece interessar-se por Miriam, suas roupas e a coincidência sobre o mesmo nome. Mas na medida em que a menina começa a se fazer mais presente em sua vida, visitando-a com mais e mais frequência, até o ponto de decidir morar com ela, a Sra. Miller começa a perceber Miriam como uma inquietação, um incômodo que beira o intolerável.

Descrita no conto como uma pessoa solitária, sem amigos ou parentes, que vive sozinha, a Sra. Miller passa a ver a jovem Miriam como alguém que toma conta da vida dela, desintegra seu estado de isolamento e que passa de uma presença interessante para um ente ameaçador. Nesse ponto da obra, o leitor pode muito bem se perguntar se Miriam realmente existe, se ela é real ou sobrenatural, se é a maneira como o autor apresenta a suposta decadência mental da Sra. Miller, ou se ela é uma parte da própria Sra. Miller que, por algum motivo, desperta e adquire esse caráter sinistro.

O exemplo que Otto Rank traz sobre uma obra de Edgar Allan Poe sugere alguns paralelos com o encontro das duas “Mirians”:

Em seu conto “William Wilson”, Edgar Allan Poe usou o tema do duplo de uma forma que se tornou um modelo para vários tratamentos posteriores. William Wilson, o personagem

¹ Todas as traduções apresentadas neste capítulo são de responsabilidade dos próprios autores. [Nota do editor]

principal desta primeira pessoa narrativa, encontra um duplo em sua infância na escola. O duplo não só tem o próprio nome e aniversário de Wilson, mas também assemelha-se a ele tanto no físico, fala, comportamento e marcha, que ambos são considerados irmãos - na verdade, até mesmo gêmeos. (1971, p.25)

A jovem Miriam e a idosa Miriam também possuem o mesmo nome, mas o que chama a atenção é o caráter maduro da jovem. Na medida em que a história progride, o aspecto “etéreo”, inicialmente perceptível na jovem, vai dando lugar a uma impressão mais real, como se Miriam tivesse cada vez mais vida, ou estivesse mais “viva”.

A narração da história é em terceira pessoa, externa aos acontecimentos, mas acompanhando a percepção da Sra. Miller durante toda a narrativa. O leitor tem a visão que a Sra. Miller repassa. Embora limitada, essa visão permite ao narrador, também, discorrer sobre pensamentos e ideias da Sra. Miller, fornecendo ao leitor, por vezes, percepções que nem mesmo ela parece compreender, em um primeiro instante. A descrição feita pelo narrador, no início do conto, já organiza o clima ou ambiente em que a história irá se desenrolar:

Por vários anos, a Sra. H. Miller tinha morado sozinha em um apartamento agradável (dois quartos com quitinete) em um *brownstone* remodelado perto do East River. Ela era viúva: O Sr. H. T. Miller tinha deixado uma quantidade razoável de seguro. Seus interesses eram estreitos, ela não tinha amigos com quem conversar, e ela raramente viajou mais longe do que ao supermercado da esquina. As outras pessoas na casa nunca pareciam percebê-la: suas roupas eram simples, seus cabelos grisalhos, cortados e casualmente ondulados;

ela não usava cosméticos, seus traços eram claros e discretos, e no seu último aniversário ela completara sessenta e um anos. Suas atividades eram raramente espontâneas: mantinha as duas salas imaculadas, fumava um cigarro ocasional, preparava suas próprias refeições e cuidava de um canário. (CAPOTE, 1945, p.1)

A narração destaca o isolamento da Sra. Miller. O leitor pode se perguntar a partir daí se tal isolamento, para uma pessoa de certa idade, não seria prejudicial. Aparentemente, também, ela é reclusa, talvez por opção, pois não procura o contato com outras pessoas, nem as outras pessoas a procuram. O passado não parece ser importante para a história, nem sequer para a Sra. Miller.

Então ela conheceu Miriam. Estava nevando naquela noite. A Sra. Miller tinha terminado de secar os pratos da ceia e estava folheando um jornal da tarde quando viu um anúncio de um filme que estava em cartaz em um cinema da vizinhança. O título soou bem, então ela enfiou-se em seu casaco de castor, entrelaçou suas galochas e saiu do apartamento, deixando uma luz acesa no vestíbulo: ela não achava nada mais perturbador do que a sensação de escuridão. (CAPOTE, 1945, p.1)

Algo que a Sra. Miller teme, e que dá tom à história, é a escuridão. A escuridão que representa a falta de luz, o nada, o vazio. E também o temor. Na escuridão habitam seres que podem ser maléficos. Em contraste à escuridão está a representação de Miriam.

Seu cabelo era o mais longo e estranho que a Sra. Miller jamais vira: absolutamente branco como a prata, como o de um albino. Ele fluía até a cintura em linhas lisas e soltas. Ela era magra e

fragilmente construída. Havia uma elegância simples e especial na forma como ela estava com os polegares nos bolsos de um casaco ameixa de veludo personalizado. (CAPOTE, 1945, p.1)

Essa aparência próxima de um elfo parece dar a dimensão que a jovem Miriam é algo diferente, um ponto claro em relação à escuridão que a Sra. Miller teme. No entanto, a aparência de Miriam não deixa de carregar algo de sinistro pelo seu jeito de adulta e pelos olhos que parecem não piscar. Uma linha entre realidade e imaginação parece já estar sendo traçada, e seus limites são incertos.

A pouca informação que o narrador nos fornece sobre o passado da Sra. Miller conduz a uma leitura em que a memória e o passado são mistérios que devem ser desvendados pelo leitor. O focalizador, que é o narrador, não nos dá informações sobre as memórias da Sra. Miller. A memória é uma “ação de visão do passado, mas situada no presente da memória” (BAL, 1985, p.147). Ao pouco relatar sobre o passado e as lembranças da protagonista, o narrador parece nos dizer que a Sra. Miller já esqueceu o seu passado, suas memórias, e talvez sua própria identidade, sugerindo uma deterioração de algum tipo em relação à sanidade daquela mulher.

Assumindo que Miriam seja realmente um duplo mais jovem da Sra. Miller, por que ela foi “invocada”? Por que apareceu? Ter um amigo, especialmente imaginário, leva à conclusão de que a pessoa se sente sozinha. Mais do que sozinha, solitária, como ela de fato é retratada desde o início da história. Miriam, dentro dessa ideia, poderia ser entendida como uma substituição, um escape, da Sra. Miller, em face do isolamento em que se encontra, quer tenha sido imposto ou escolhido. A falta de seu marido, de amigos e familiares demonstra o retraimento em que ela vive e, ao mesmo tempo, os efeitos que esse retraimento causa. Mas se Miriam é um produto da

Sra. Miller ela também carrega as imperfeições, rancores, verdades escondidas e efeitos de alucinação que uma mente sob o estresse do isolamento pode criar.

Miriam aparece para visitar a Sra. Miller uma noite, de forma inesperada. A sua presença coincide com o fim da luz, com a chegada da escuridão que a Sra. Miller acha tão perturbadora, num horário em que ela “já deveria estar dormindo”. Ao deixar a jovem entrar na casa, A Sra. Miller parece não conseguir oferecer obstáculos a Miriam. A jovem perambula pela casa, gosta de algumas coisas, critica outras, e dialoga:

[Miriam] deixou cair o casaco e a boina sobre uma cadeira. Ela realmente usava um vestido de seda. Seda branca. Seda branca em fevereiro. “Gosto deste lugar”, disse ela. “Gosto do tapete, azul é meu tom favorito”. Ela tocou em uma rosa de papel em um vaso na mesa de café. “Imitação”, comentou vagamente. “Que triste, não são tristes as imitações?” Sentou-se no sofá, delicadamente espalhando sua saia. (CAPOTE, 1945, p.3)

Branco é a cor em destaque, que pode simbolizar pureza ou saúde. E antes mesmo de Miriam aparecer, o narrador fala sobre o quanto havia nevado, por semanas, naquela região. Mas Miriam não parece estar afetada pelo frio. No decurso dos eventos, ela encontra algo que chama sua atenção:

Miriam olhou para cima, e em seus olhos havia um olhar que não era comum. Ela estava de pé perto do gabinete, com uma caixa de joias aberta diante dela. Por um minuto estudou a Sra. Miller, forçando com que seus olhos se encontrassem com os dela, e sorriu. “Não há nada que preste aqui”, disse ela. “Mas eu gosto

disto”. Sua mão segurava um broche de camafeu. “É encantador”. (1945, p.5)

É nesse instante que a Sra. Miller se dá conta da sua impotência e do abandono em que se encontra. Miriam acaba conseguindo o broche e o ostenta como se pertencesse a ela desde sempre. Talvez, se o seu marido estivesse vivo, ela não tivesse esse tipo de problema. O próprio broche havia sido presente do falecido:

Enquanto ela se levantava, tentando moldar uma frase que de alguma forma salvaria o broche, a Sra. Miller não tinha a quem recorrer. Ela estava sozinha. Um fato que não tinha estado em seus pensamentos por um longo tempo. Sua ênfase era impressionante. Mas aqui, em seu próprio quarto na cidade silenciosa coberta por neve, essas eram evidências que não poderia ignorar ou às quais ela pudesse, com clareza, resistir. (1945, p.5)

O abandono, a falta de alguém, o isolamento e provavelmente os efeitos de tal solidão levaram a Sra. Miller a entender a sua impotência, ao não conseguir resistir, nem mesmo, aos impulsos de uma criança. Seria Miriam um duplo que a própria Sra. Miller houvesse criado com a finalidade de alertar a si mesma sobre a sua realidade? O seu outro *eu* prevenindo-a sobre o que ela se tornara? Esse nível de reflexão ainda escapa à Sra. Miller, que agora apenas deseja que a jovem vá embora. Miriam concorda, mas pede um beijo de boa noite, que a Sra. Miller se nega a lhe dar. Miriam parte, mas antes pega um vaso e o estilhaça no chão, quando não tem o seu desejo atendido.

No dia seguinte, a Sra. Miller fica em seu apartamento, retirada e deitada, mas no outro dia ela acorda muito melhor, como se nenhum incidente houvesse acontecido. Acaba por fim saindo de

casa para fazer compras, pois “parecia um feriado e seria um desperdício ficar em casa” (CAPOTE, 1945, p.6).

O narrador nos informa sobre o estado de espírito da Sra. Miller, mas um acontecimento, no entanto, modifica esse momentâneo bem-estar. Um homem passa a segui-la na rua. Seus olhares se encontram e eles trocam sorrisos, embora o sorriso dele não lhe pareça amigável. Ela caminha incessantemente tentando perder seu seguidor. Chega até mesmo a parar e encará-lo, mas não consegue dizer nada. Sente-se indefesa novamente, incapaz de reagir. O que pode ela fazer contra um homem, em plena luz do dia, em uma área movimentada da cidade? Ela finalmente continua a caminhar até entrar em uma floricultura. Compra rosas brancas e parece o ter despistado. A real existência desse homem é passível de ser questionada. Seria ele uma lembrança do seu falecido marido? Uma construção representando todos os relacionamentos que ela não teve? Ou um outro ser irreal, fruto de sua inquietação de pensamentos? A narração dá a entender que somente a Sra. Miller avistou *o estranho*. Ela poderia ter criado não apenas um duplo, mas também outros entes a partir de sua imaginação, pois a distinção entre o real e o imaginário vai ficando cada vez mais borrada. Extrapolando, é possível admitir que a Sra. Miller esteja em tal grau de perturbação que enxerga coisas e pessoas que não estão realmente lá, que são efeitos de emoções, do isolamento, do cansaço, da idade, etc.

Limitada por seus temores, a Sra. Miller volta para casa. É quase de se esperar que Miriam surja novamente, e ela realmente vem. Dessa vez, com malas e vestidos (todos iguais), pronta para se mudar em definitivo para o apartamento da Sra. Miller. A perspectiva parece aterradora para a Sra. Miller, que, de forma desordenada e frágil, pede ajuda a vizinhos no andar de baixo. Um jovem casal a recebe e o marido concorda em ir até o apartamento da Sra. Miller e tentar desalojar a menina. No entanto, ele volta dizendo que não

encontrou ninguém lá, que não viu objetos quebrados, que não há nada no apartamento, nem mesmo os pertences de Miriam estão lá.

Embora ao longo do texto a narração tenha dado várias indicações de que Miriam não é real, esta é a primeira vez que isso parece claro não só para o leitor, mas também para a própria Sra. Miller. O uso de um *Doppelgänger* como Miriam é um recurso comum em muitos contos, em especial os góticos. De forma interessante, Capote vai, aos poucos, aumentando a interferência desse *Doppelgänger* na vida da Sra. Miller, até o ponto em que ela parece perder o controle de sua criação, se é que alguma vez ela o teve. Ela volta ao seu apartamento e o percebe como um lugar escuro, sem vida, vazio. É como se a Sra. Miller pudesse ver a realidade que a cerca e entender que, realmente, pode haver algo de errado:

A Sra. Miller entrou em seu apartamento suavemente; ela caminhou para o centro da sala e ficou bastante ainda ali. Não; de certo modo, nada mudara: as rosas, os bolos e as cerejas estavam no lugar. Mas essa era uma sala vazia, mais vazia do que se os móveis e as coisas familiares não estivessem presentes, um apartamento sem vida, petrificado como um salão fúnebre. [...] Ela olhou através da janela; certamente o rio era real, certamente a neve estava caindo – mas, então, não se podia ter certeza de testemunhar nada: Miriam, tão vividamente lá – e ainda, onde ela estava? Onde, onde? Como se estivesse se movendo em um sonho, afundou em uma cadeira. O quarto estava perdendo a forma; estava escuro e ficando mais escuro e não havia nada a ser feito sobre isso; ela não tinha forças sequer para levantar a mão e acender uma luminária. (CAPOTE, 1945, p.9)

Essa sensação de derrota e impotência afeta a Sra. Miller profundamente. Mas um outro pensamento surge como se fosse uma redenção para tudo o que passava:

Bem, e se ela nunca tivesse conhecido uma garota chamada Miriam? E se tivesse se assustado tolamente na rua? Afinal, como todo o resto, não tinha importância. Porque a única coisa que ela tinha perdido para Miriam era sua própria identidade, mas agora ela sabia que tinha encontrado novamente a pessoa que vivia nesse apartamento, a pessoa que cozinhava suas próprias refeições, que possuía um canário, que era alguém em quem podia confiar e acreditar: ela mesma, a Sra. H. T. Miller. (1945, p.9)

Praticamente no final do conto, o narrador nos faz pensar que a Sra. Miller recuperou a sua identidade, que está segura de si e de quem ela é. Mas é claro, isso não é verdade:

Enquanto ouvia, atenta e satisfeita, percebeu um som duplo: uma gaveta de escrivaninha abriu e fechou; ela parecia ter ouvido o barulho muito depois de ele terminar – o abrir e o fechar. Depois, aos poucos, a rispidez do som foi substituída pelo farfalhar de um vestido de seda; e esse ruído, sutilmente suave, aproximava-se cada vez mais e crescia em intensidade, até que as paredes tremeram com a vibração e a sala começou a ruir debaixo de uma onda de sussurros. A Sra. Miller contraiu-se e abriu os olhos num olhar fixo e abismado.

“Olá”, disse Miriam. (1945, p.10)

A Sra. Miller não pode mais escapar de sua própria mente. O leitor pode até pensar que esses episódios de visão são mais

frequentes do que se imagina, que a narração destaca um dos episódios vividos pela Sra. Miller que, se já não entrou nesse processo, está entrando. Miriam não irá deixá-la nunca mais.

Assim como no caso do autor, Truman Capote, da mãe dele, e agora da personagem Sra. Miller, a busca por uma identidade, por um saber quem se é no mundo, especialmente se o mundo oferece desafios que devem ser transpostos, motiva e guia a todos, seja na ficção ou na vida real. Talvez o autor tenha usado suas impressões sobre a mãe e sobre si mesmo para moldar esse sentido de “busca por identidade” que imprime à narrativa. A Sra. Miller encontra-se tão abandonada quanto o próprio autor foi abandonado por seus pais na infância. Ela representa o desamparo na velhice. O primeiro romance de Capote, *Other Voices, Other Rooms*, que também é construído em um ambiente gótico, narra a história de Joel Knox que é igualmente abandonado pelo pai, até que é chamado para voltar a viver com ele. Durante sua trajetória por outros lugares, Joel acaba descobrindo sua própria identidade e sexualidade. Já havíamos anteriormente mencionado Holly Golightly, que partira de uma família que também a desamparara para tentar a vida na cidade grande e ganhar uma nova identidade – como aconteceu com a mãe do autor.

Em suma, a busca por uma identidade, por se recriar construindo uma nova identidade, quando aquela que se tem é rejeitada, ou quando não se quer ser mais limitado ao que se é, essa é a força que impulsiona a vida de Truman, de Lulamae Barnes, Holly Golightly, e da própria Sra. Miller. Achar um lugar no mundo deveria ser algo fácil, mas a realidade mostra que nem sempre é assim, especialmente para as mentes mais sensíveis e fragilizadas.

REFERÊNCIAS

BAL, Mieke (1985). *Narratology: Introduction to the Theory of Narrative*. Toronto: University of Toronto Press.

BLOOM, Harold (2009). *Bloom's Modern Critical Review: Truman Capote*. New York: Infobase Publishing.

CAPOTE, Truman (1945). "Miriam". *Mademoiselle*. New York: Street e Smith/Condé Nast Publications.

_____. (1958). *Bonequinha de luxo*. Estados Unidos: Random House.

_____. (2005). *The Complete Stories of Truman Capote*. New York: Vintage.

FREUD, Sigmund (1986[1919]). "O estranho". In: *Obras completas*. Edição Standard Brasileira. (Vol.XVII). Rio de Janeiro: Imago. p.237-269.

RANK, Otto (1971). *The Double: A Psychoanalytic Study*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press.